"A MORTE DO AUTOR" EM BLANCHOT, BARTHES E FOUCAULT

Juliana Tamaki [1]

Gabriel Sausen Feil [2]

Resumo:

Este trabalho tem como proposta revisar o que dizem Roland Barthes, Maurice Blanchot e Michel Foucault sobre o tema da "morte do autor", fazendo um comparativo entre seus pensamentos. A partir dos textos, articula, relaciona e compara as perspectivas para responder o questionamento gerador. A pesquisa teórica procura abordar a contemporaneidade dos escritos dos autores e suas importâncias para o entendimento da ideia de autoria. A morte do autor ainda é uma discussão pertinente para a literatura, assim como a constatação de que o leitor exerce um papel fundamental no universo literário. Nos fragmentos usados, a figura do leitor traz significação à obra, colocando em crise a existência do autor. Em Barthes, para o leitor nascer, é preciso a morte do autor; em Blanchot, o autor tem de se despersonalizar e deixar de ser guiado pelo romantismo literário; já em Foucault, o questionamento do que é o autor mostra a necessidade de ocultá-lo.

Palavras-chave: Morte do autor; Filosofia; Linguagem

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

"A MORTE DO AUTOR" EM BLANCHOT, BARTHES E FOUCAULT

[1] Aluno de graduação. julianatamaki21@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. gabrielfeil@unipampa.edu.br. Orientador

“A MORTE DO AUTOR” EM BLANCHOT, BARTHES E FOUCAULT

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca estabelecer relações entre os pensamentos de Maurice Blanchot, Roland Barthes e Michel Foucault no que diz respeito ao tema “a morte do autor”. A ideia parte da leitura do ensaio “A morte do autor”, de Barthes, realizada para apresentação de palestra nos “Encontros de extensão Happy hour do t3xto- filosofia”.

Happy hour - Projeto de extensão

O projeto “Encontros de extensão Happy hour do t3xto”, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus São Borja, teve seu início no primeiro semestre de 2017. As apresentações tiveram a intenção de levar ao público autores que tendem a ser pouco lidos e compreendidos. A forma de apresentação ocorreu em um espaço quase inexistente no município, um espaço músico-literário, onde os participantes do projeto fizeram palestras sobre a vida e a obra desses autores. Um aspecto importante é o local dos encontros, fora da universidade. Justamente por ser em um local alternativo, as apresentações superaram a expectativa de público dos executores, chegando a ter mais de noventa ouvintes.

Partindo do pressuposto de que, mesmo com nomes famosos, os autores eram pouco lidos, foram realizados seis encontros, um para cada autor: Dostoiévski, Blake, Kafka, Bataille, Kerouac e Bukowski.

No ano de 2018, o projeto trouxe a mesma proposta, porém, com foco não mais na literatura, mas na filosofia. O projeto vem apresentando quatro autores, usando o mesmo critério do ano anterior: Nietzsche, Barthes, Deleuze e Foucault. Por ora, já foram apresentados os três primeiros.

A morte do autor - Roland Barthes

No ensaio “A morte do autor”, não é o autor quem fala, é a linguagem. Muitos autores estão preocupados com a importância do criador da obra, mas Barthes está mais preocupado com a literatura. Para ele, o autor deixa de ser dono da obra quando o leitor a lê; neste momento, acontece a morte do autor.

Não se pode negligenciar a figura do leitor, pois, para o texto produzir sentido para quem o lê, não depende de quem o escreveu, mas sim da multiplicidade de culturas da qual o sujeito leitor é cercado. O sentido do texto não é da sua origem, mas do seu destino; por isso, não pode ser tomado como algo pessoal. Outro ponto defendido por Barthes tange o fato de que o texto não é feito para produzir um único sentido, como se houvesse o sentido original: “O texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura” (BARTHES, 2004, p 62).

Blanchot e o espaço literário

Ao afastar o autor, a escrita afasta qualquer movimento de intenção, o grau de intimidade do autor e obra se faz presente somente no processo criador, não há mais intimidade com o autor. Para Blanchot, a obra, antes mesmo de se tornar palavra está no pensamento do escritor, na forma mais pura de fala, “O pensamento é a fala pura. Tem que reconhecer que nele a língua suprema, aquela cuja extrema variedade de línguas apenas nos permite reavaliar a deficiência” (BLANCHOT, 1987, p. 32). No entanto, é preciso que o pensamento se torne escrita, e para isso, é preciso que o autor ouça o chamado da escrita e renda-se à exigência do fazer literário.

Para entregar-se a escrita, o autor necessita despersonalizar-se, tornar-se múltiplo exime a intenção do escritor e torna-o pertencente ao universo literário. As palavras dão origem à obra. Apesar de as palavras auxiliarem o movimento da linguagem em uma direção da obra, o indivíduo que a lê tem uma interpretação muito particular da linguagem.

A convergência entre as obras, é portanto, a morte [não física] do autor da obra, para ambos, o texto literário produz sentidos diversos, e esse significado e significante depende do leitor. Eles propõem uma análise do próprio fazer da literatura não do texto ou discurso literário.

Foucault, o que é um autor?

Michael Foucault investiga acerca das diferentes maneiras de construção do conhecimento humano. A linguagem tornada objeto é o único meio de se chegar ao conhecimento do mundo, do homem ou como sujeito. Entre as palavras e as coisas, há a linguagem. Mas e qual a importância do autor?

O conceito de autor está diretamente associado ao da obra. Deste modo, para o contexto da obra pode-se associá-la ao discurso do indivíduo que a elaborou. A função de autor é importante para o universo da legalidade. Porém, não o autor não é apenas quem escreve a obra, mas também àquele a quem a teoria dá aporte. A isso dá-se o nome de autores trans discursivos, que compuseram possibilidades infinitas para o surgimento de novos discursos. Foucault não desejou anular o sujeito, mas separar-los do papel central da produção dos discursos e dar ao autor, a possibilidade de ser guiado por diversas vertentes. O autor não é um grande inventor, mas um formador trans discursivo.

Desta forma, em "o que é um autor?" de Foucault complementa o discurso dito por Barthes, quando se fala da morte/afastamento do autor e a abra. Ambos, tratam o autor como o de menor importância na significação de seus escritos. Ainda sobre a significância, tanto Barthes como Foucault defende a ideia da multiplicidade dos sentidos, seja ela para o receptor ou no gerador da teoria.

2. METODOLOGIA

Este resumo, em um primeiro momento, faz uma revisão de literatura a partir dos textos já comentados: "A morte do autor", presente no livro "O rumor da Língua", de Roland Barthes; "O espaço literário", de Maurice Blanchot e "O que é o autor?", de Michel Foucault. A similaridade entre a temática foi o critério de seleção para o comparativo entre elas. A partir destes três textos, articula-se, relaciona-se e compara-se as perspectivas para responder o questionamento gerador deste estudo com aporte da fundamentação teórica. A pesquisa teórica procura abordar a contemporaneidade dos escritos dos autores e suas importâncias para o entendimento social do autor como sujeito.

3. RESULTADO e DISCUSSÃO

A articulação entre os textos tornou-se importante para contextualizar as perspectivas de autores distintos sobre a temática aqui proposta. A morte/afastamento do autor de sua obra ainda é uma discussão pertinente para a literatura, assim como a constatação de que o leitor exerce um papel fundamental no universo literário. As disparidades entre as obras, torna-se complementar: para Barthes, para o leitor nascer, é preciso a morte do autor; em Blanchot, o autor tem de se despersonalizar e deixar de ser guiado pelo romantismo literário; já em Foucault, o questionamento do que é o autor mostra a necessidade de ocultá-lo, visto que o seu papel é mera formalidade e não necessária para a significação do discurso literário. As

obras analisadas são de autores importantes para a filosofia e para o entendimento do homem como sujeito de conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber é consolidado entre o que se diz (palavras) e o que se faz (coisas). Nesta análise comparativa entre os textos, é perceptível que o elemento central são as palavras e, portanto, a linguagem. A similaridade entre os pontos de vistas dos teóricos põe em evidência que a análise do texto literário é de extrema importância para o conhecimento do homem como sujeito. Nesse caso, a hermenêutica textual integrada entre autor e o mundo constrói sentidos e significantes inimáginaveis.

Barthes coloca em crise a existência do autor, a escrita destrói todas os pontos de origem. O conceito deriva do questionamento do conhecimento e da consciência que o homem pode ou não possuir. Em "O espaço literário", Blanchot atribui à despersonalização do homem escritor e condutor de sentido para o participante do enredo que não tem controle dos significados e significantes que irão produzir seus textos aos leitores. Foucault evidencia que a modernidade teve início a partir da pluralidade no modo de representar o mundo. A linguagem assume o protagonismo nas palavras e nas coisas.

Nos fragmentos, é claro que o autor deve se minimizar para que a figura do leitor traga a verdadeira significação da obra. É no leitor que a multiplicidade de vozes do texto se concretiza. Esse sujeito é um ser sem história ou biografia, consiste em alguém impessoal que apenas serve como ponto de convergência em que os "fios" construtores do texto se encontram.

REFERÊNCIAS

Livros

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES. **O rumor da língua**. 2ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Rocco, 2011.

FOUCAULT, Michael. Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema. In: FOUCAULT. **O que é um autor?** Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.